



A NAÇÃO

ANNO II --- NUM. 315

Director: Leonidas de Rezende
Secretario: Adalberto Coelho
Gerente: Rodolpho Coutinho

Redacção e Administração
17, RUA 13 DE MAIO, 1.º and.
End. Tel.: NAÇÃO - Rio
Telephones: Director: C. 2199 -- Redacção: C. 2190
Gerência: 2198

5.ª FEIRA
24
FEVEREIRO
1927

Seria uma candeiz imperdoavel crer que toda classe operaria, nas condições actuaes do regimen capitalista, é capaz de se converter em classe comunista.

Então

O PLEITO DE HOJE

Tiveram inicio com grande animação os trabalhos eleitoraes

A concorrência tem sido notavel em todas as secções

Raramente se registra uma concorrência tão grande a um pleito eleitoral, quanto a de hoje.

Desde cedo ás portas dos edificios, onde funcionam as diversas secções eleitoraes se reuniam os cidadãos votantes, á espera do inicio dos trabalhos do pleito.

Mais sensível ainda se torna essa concorrência, quando se tem memoria do ultimo pleiome foi lançado, ha dias, pela A NAÇÃO obterá uma votação, que surpreenderá e servirá para demonstrar o valor dos idéas que abraça e a consciencia das massas trabalhadoras.



Uma secção eleitoral do 1.º districto

Pela hora em que A NAÇÃO deve circular não é possível neste numero consignar detalhes do pleito, o que faremos no numero de amanhã, com imparcialidade e justiça.

to para presidente da Republica, com uma abstenção sensível e bastante significativa.

Os candidatos do Bloco Operario despertam as sympathias geraes do proletariado. Um delles, Azevedo Lima, é o campeão de todas as pugnas, o invencível do 2.º districto, que será certamente, o primeiro collocado no resultado final.

João Costa Pimenta, o valoroso operario candidato no 1.º districto do mesmo Bloco, cujo



Grupo de eleitores á porta da 2.ª secção de Santa Rita

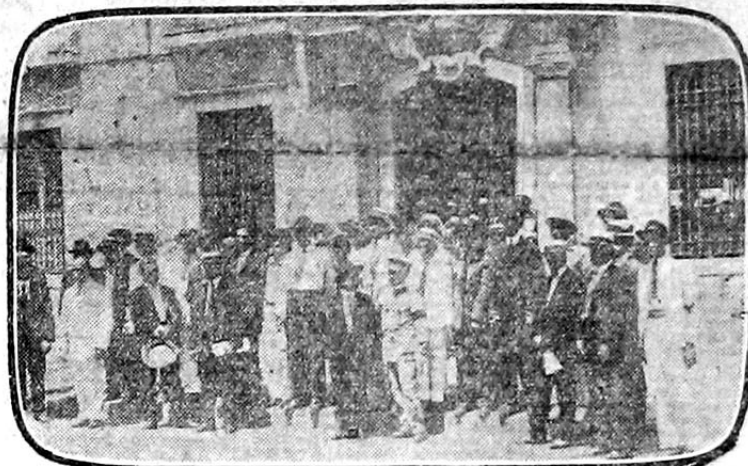
As victimas da policia de Coriolano

A COLONIA CORRECCIONAL DE DOIS RIOS

Vieram a esta redacção, Antonio dos Santos Braga, Ernesto Miranda Martins, Fernando Carneiro dos Santos e Manoel José Martins, afim de contar nos os soffrimentos por que passaram a bordo do "Comandante Vasconcellos" e na Colonia Correccional de Dois Rios.

Não ha palavras para narrar ao rico, miseravel crueldade da policia indigua de um país que se

O navio saiu do porto desta capital, a 29 de dezembro do anno findo, levando nos porões cerca de 300 presos, que deveriam ser destinados para Cleveland, o que, entretanto, não chegou a ser realizado, porque em Belem no Estado do Pará, já havia ordem para voltar. E aqui chegando não foram soltos, mas sim desembarcados na Colonia Correccional de Dois Rios, onde ainda se encontra a maior parte desses desgraçados, visto como só foram postos em liber-



Grupo de eleitores

A hora do salve-se quem puder ha de soar

E, nessa hora, poderá ficar impune o principal causador d'ella-o capitalismo cafesista?

A politica do capitalismo cafesista tem consistido nisto systematicamente: em conseguir a baixa cambial e em impedir depois sua accensão.

Já no governo Campos Salles, era ella que levava Murinho a estas considerações:

"A idéa de que a baixa do preço do café depende de uma superabundancia desse genero, repellido a principio até como anti-patriótica, é hoje accetada mesmo por aqueles que, soffrendo mais os effeitos da crise, vêem os factos através os seus interesses immediatos e as suas paixões."

Ha quem pense que bastaria destruir os máos effeitos de produção para termos solução da crise.

Para esse fim, o governo receberia, a título de imposto, uma certa quantidade de café de cada produtor e o total arrecadado seria destruido, diminuindo-se assim a quantidade a exportar.

Outros pensam que os máos effeitos do excesso de produção poderiam ser neutralizados se o governo chamasse a si o commercio de café, para regularizando a venda, evitar o excesso da offerta.

Dois são os caminhos a seguir: o caminho estreito e tortuoso da politica de expedientes e a estrada recta e larga da politica de principios.

A politica de expedientes é a po-

litica da mascara com que se procura occultar ao país os seus proprios males: é a politica do narcotico, que insensibiliza a nação para as suas proprias dores, tirando-lhe a consciencia da necessidade de uma reacção energica e viril contra os apertos que ameaçam destrui-la.

A outra é a politica da franqueza e lealdade, que não esconde as verdades duras e amargas que o país precisa conhecer.

Convicto de que a intervenção official só poderia augmentar os nossos males, o governo deixou que a produção do café se reduzisse por selecção natural, determinando-se assim a liquidação e a eliminação dos que não tinham condições de vida, ficando ella nas mãos dos mais fortes e dos mais bem organizados para a luta.

Já fui classificado de barbaro por sustentar semelhante doutrina.

Os mais moderados repetem sentenciosamente que só resgata papel-moeda quem póde e não quem quer; os mais exaltados clamam com indignação que o governo destrua nas fornaihas da Alfandega grande parte da riqueza publica e que, em vez de navios e estradas de ferro, que podiam ser constituídos com aquelles capitães, não nos restava mais do que um montão de cinzas."

Propondo a destruição de parte

do café e combatendo a valorização do papel-moeda pela sua queima, pelo seu resgate, pelo sua incineração, já, a esse tempo o capitalismo cafesista ensaiava estes dois expedientes "tu haveria de fazer adoptar: o Convento de Taubaté e a Caixa de Conversão, expedientes contra a alta cambial."

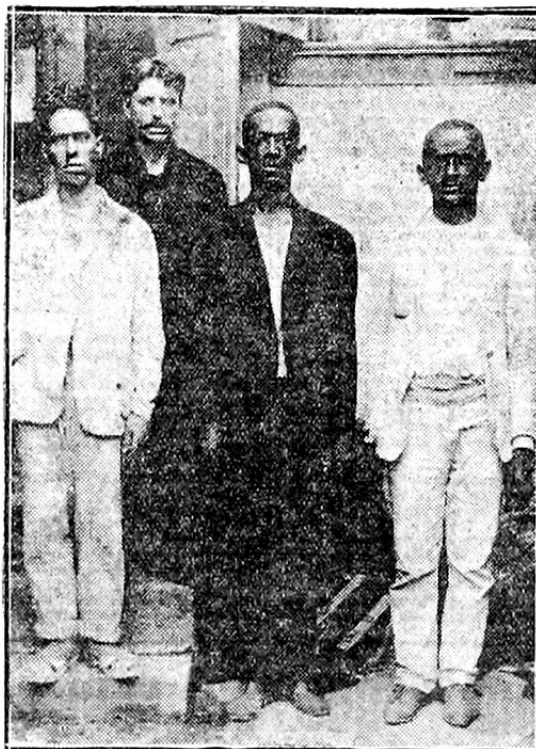
Foi debalde que Rodrigues Alves lhe ponderou:

"E' um desacerto pensar que a lavoura do país não póde prosperar sem cambio baixo. As estatísticas demonstram, ao contrario, que, com taxas melhores do que as actuaes, os preços do café têm tido alternativas de alta e de baixa, mas a lavoura tem vivido e prosperado."

O capitalismo cafesista impunha aquella Caixa contra a accensão cada vez mais accentuada do cambio; elle a impunha não tanto para o paralisar nessa accensão, mas para fazel-o cair.

Se ella não houvesse sido instituida, os saldos em ouro de que dispunhamos, e ella recebeu e converteu em 400.000 contos de papel, teriam valorizado a moeda e elevado o cambio ao par.

Depois, porque, mto grado o funcionamento da m f na Caixa, o cambio continuava com tendencias para a alta, o capitalismo cafesista,



Quatro das victimas, photographadas em nossa redacção

dez civilizado! Os bandidos que se prestaram a tão infame e covarde empreitada bem merecem um severo castigo.

Aquelles infelizes queixam-se a-margamente das brutalidades do tenente Bruno, commandante da escolta, e de um cabo "Pernambuco", ordenança daquelle official.

dade os que obtiveram haberecorpus.

Abi, na histeria, o mesmo regimen de brutal deshumanidade, e mesma selvageria caubalesca dos laços do poder.

No dia 17 do corrente, o preso n.º 80, só porque implorasse um pouco mais de comida, apanhou "bucó", ordenança daquelle official.

(Continúa na 2.ª pagina)

(Continúa na 2.ª pagina)

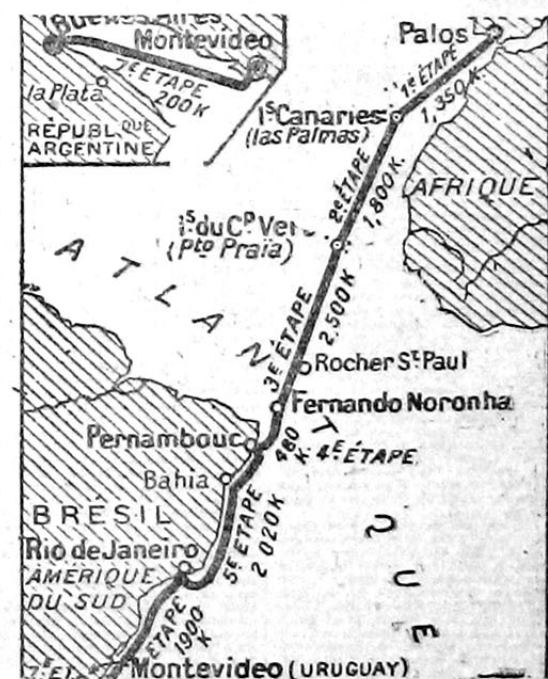
Confronto entre os "raids" de Ramon Franco e De Pinedo

AQUELLE FEZ O TRAJECTO DE PORTO-PRAIA A FERNANDO NORONHA EM 17 HORAS; E ESTE EM 13,35

Façamos o confronto entre os dois raids: o do hespanhol Ramon Franco e o do italiano De Pinedo.

Ramon Franco, no Plus Ultra, deixou Palos, ao nordeste de Gibraltar, aos 22 de janeiro de 1926, ás 8 horas da manhã. A's 4 horas da tarde desse mesmo dia, chegava a Las Palmas, nas Canarias. Esse percurso de 1.350 kilometros elle o cobriu em 8 horas. Mas a neve o obrigou a permanecer quatro dias nas Canarias. No dia 26, elle voava de novo. Saia da bahia de Gando ás 8,30 da manhã e attingia Porto Praia, ilha de Cabo Verde, ás 18 h. 30, 1.800 kilometros ao sudoeste das Canarias. Gastou assim, nessa segunda etapa, 10 horas.

Se essas duas primeiras etapas foram isentas de incidentes, a terceira foi movimentada. Franco tinha manifestado a intenção de alcançar Pernambuco de um só vôo. Os acontecimentos se oppuzeram, porém, á realisacão desse seu projecto. O Plus Ultra, accionado sómente por um motor, pouco antes da ilha Fernando de Noronha, teve de lutar com forte vendaval. Temendo, ao mesmo tempo, esse adversario



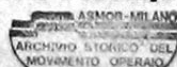
O itinerario feito pelo az hespanhol Ramon Franco

(Continúa na 3.ª Pagina)

O programma do Bloco Operario

Eis a summula do programma de Azevedo Lima e Pimenta:

- 1) Politica independente de classe;
- 2) Critica e combate á politica plutocratica;
- 3) Contra o imperialismo;
- 4) Pelo reconhecimento, "de jure", da União Sovietista;
- 5) Amnistia aos presos politicos;
- 6) Autonomia do Districto Federal;
- 7) Pelo desenvolvimento da legislação social;
- 8) Contra as leis de excepção;
- 9) Só os ricos devem pagar impostos;
- 10) Contra os effeitos da reforma monetaria e da carestia da vida;
- 11) Pela habitação operaria;
- 12) Pelo ensino e educação das crianças nobres;
- 13) Pelo voto secreto.



perguntando-nos: "Se os farmacêuticos não são médicos, o Brasil não é farmacêutico e não possui uma Política; então vamos fazer um litêr-pêlo confronto entre O. Brandão e Agripino, sendo aquele apresentado pela camarada como médico aos trabalhadores e este como bom e consciencioso aos médicos."

Pergunto na camarada Patrocinio: dos dois, qual será mais nocivo, o farmacêutico ou o advogado? Das duas opções, qual a que mais tem prejudicado os trabalhadores, a Farmácia ou o Serão? Quem é que mais tem prejudicado os trabalhadores, têm sido os farmacêuticos na composição e distribuição dos medicamentos ou os bacharéis na arte de acusar e defender?

Estou bem certa de que o Sr. Patrocinio responderá convenientemente a estas ligeiras perguntas, verificará imediatamente, na sua resposta, que não é justo o pretexto do qual se ser-

